



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### O PROFESSOR E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS ENFRENTADAS DENTRO DA SALA DE AULA

Mirian Dias Gonçalves\*  
(UESB)

Janine Couto Cruz Macedo\*\*  
(UESB)

Maria de Fátima de Andrade Ferreira\*\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

O presente artigo discute as relações étnico-raciais manifestadas no ambiente da sala de aula, observando de que modo os saberes da docência contribuem com a formação étnico-racial do aluno do ensino fundamental, a partir de sua prática docente, identificando formas de discriminação manifestadas pelos alunos e como são percebidas pelo professor. A formação de valores na escola é valorizada como processo transformador e formador de cidadãos conscientes para a sociedade quando aplicada na metodologia/didática pelo professor que trabalha com a consciência e complexidade histórica do negro, desfazendo mentalidades racistas. A pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico (ANDRÉ, 1995), pauta-se em conceitos, concepções e definições (CASTRO, 2009; AQUINO, 1998; AGUIAR, 1998) para compreender o processo de aprendizagem do aluno a partir das reações do professor a certas manifestações percebidas em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações, Negro, Educador.

---

\* Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Itapetinga. E-mail: myriandiasg@hotmail.com

\*\* Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Itapetinga. E-mail: ninecouth@hotmail.com

\*\*\* Mestre e Doutora em Educação pela UFBA. Graduada em Pedagogia e em História. Professora e Pesquisadora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: mfatimayago@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### INTRODUÇÃO

A Relação professor-aluno e diferenças étnico-raciais na sala de aula é tema em discussão por pesquisadores e estudiosos, desde o século XIX, pois ao analisarmos a história que se confere nos livros, a partir da abolição da escravatura, percebe-se um acentuado desestímulo, garantindo a negação de oportunidade para um determinado grupo.

Sendo assim, muitos estudos (AQUINO, 1998; AGUIAR, 1998; CASTRO, 2009; CARNEIRO, 1996; ROSEMBERG, 1998) identificam alguns processos e mecanismos que demarcam nos espaços escolares como manifestações de preconceitos e discriminações raciais, hesitando da convicção de que a escola é de suma importância no aprendizado, na interação e construção das relações, de acordo a realidade do aluno.

Segundo Rosemberg (1998 apud AGUIA; MOREIRA, 2006), na América Latina a discriminação racial se apóia nas características fenotípicas e econômicas, a norte - americana se baseia a partir da descendência, determinada exclusivamente, pela origem, traduzindo, assim o ditado “o dinheiro embranquece”, fazendo do negro menos favorecido financeiramente ainda mais inferior. Sendo assim, o mesmo o mesmo conclui: “Assim, no Brasil, existe a possibilidade de mudanças da “linha de cor”, de acordo com o fenótipo e a condição social do indivíduo” (Idem, p. 03).

Os segmentos da profunda desigualdade se deram no pós- abolicionismo, que ilusoriamente pensou-se na possibilidade de seu desaparecimento com o desenvolvimento industrial (d’ADESKY, 2001). Esse período de abolição e pós-abolição não significa ruptura da escravidão ou mudança de mentalidade, mas mais um marco da luta a muito tempo travada pelos negros e simpatizantes do



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

movimento. Pensando na escola como um meio de está buscando a sociedade a seu favor.

Desta forma, é notória a preocupação de educadores em relação aos fatos existentes na sala de aula, como no caso das manifestações de estereótipos, preconceitoracial, étnico, de gênero, dentre outras que contribuem para o não aprendizado dos alunos, que sustenta a discriminação vinda de casa. Por outro lado, o professor parece não saber lidar com essa situação-problema e se sente desafiado em repensar sua prática pedagógica e buscar compreender o sujeito diferente e que já chega a escola nutrido por uma sociedade excludente e (pre)conceituosa que mantém a idéia de que o negro deve ser submisso.

Nesse contexto do ambiente escolar, a ideologia do branqueamento tenta propagar a inexistência do negro, com apelidos, gestos ou ignorando o passado e a identidade dos colonizadores e do negro africano escravizado, ou ainda por meio de regras impostas pela própria escola, e conseqüentemente, pela prática pedagógica do educador, quando em sua atuação, omitindo perante os conteúdos didáticos que vincula ou pelo o que ocorre no dia-a-dia na sala de aula. No entanto, o que a escola poderia contribuir para modificar o comportamento discriminatório ou pelo menos inibir tais ações, mas ela simplesmente reforça o preconceito e a discriminação racial.

Contudo, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL/MEC, 2004), instituída pelo Parecer CNE/CP, nº 03 de 10 de março de 2004 e Resolução CNE/CP, de nº 01 de junho de 2004 e Lei 10.639 (BRASIL/MEC, 2003, p.16), a escola, instituição social, é responsável

por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola.

Desse modo, percebemos que, com a atual Lei 10.639/03 que institui no currículo escolar do ensino fundamental e médio, a obrigatoriedade do ensino da disciplina História da África e dos africanos e afro-descendentes na sociedade brasileira, na tentativa de resgatar historicamente a contribuição do negro na história brasileira, por meio de projetos e ações empenhados na valorização da história, cultura e vida do negro, a responsabilidade da escola não pode ficar somente nas falas, nos discursos assistidos de professores e outros segmentos escolares, mas é preciso que haja a vez de reagir e reconhecer o negro como indivíduo importante para a sociedade, não ignorando a importância do reconhecimento do seu passado histórico-cultural, de seus direitos e deveres cidadãos. Porém, a escola hoje ainda mantém sua parcela de contribuição para a permanência do racismo, desde a abordagem do educador (metodologia aplicada, conteúdos disseminados, discursos, representações, didática aplicada) na sala de aula ao material pedagógico (livros didáticos e outros) inflamados de preconceitos e discriminação. Assim o DCN's (2003, p. 17), explica,

[...] Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporcionadiariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e européia.

É nesse sentido que questionamos, de que forma as relações étnico-raciais (do negro) são percebidas, e se manifestam nos discursos dos sujeitos professores e alunos na sala de aula do 5º ano do ensino fundamental e de que modo são



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

trabalhadas nas práticas docentes? Partindo dessa problemática busco investigar como os saberes da docência contribuem para a formação étnico-racial do aluno, a partir de sua prática docente (pedagógica, didática e metodológica) dentro da sala de aula, levantando dados, por meio da observação assistemática e sistemática, identificar as diferenças, as discriminações manifestadas pelos alunos e como são percebidas pelo professor.

Partilhando de tal preocupação em experiência, quando estagiamos seis meses numa escola pública da rede municipal de ensino, situada num bairro periférico, na cidade de Itapetinga – Bahia, em uma turma de pré-escola, com 27 alunos, com idade entre 05 e 06 anos de idade. Pois, durante esse tempo percebemos algumas diferenças entre os alunos, o comportamento e as atitudes em várias situações, principalmente, nas brincadeiras, momento de interação com o outro, a dificuldade e a postura de muitas crianças ao se deparar com o outro diferente, por exemplo, o cabelo, uns lisos outros mais crespos, a cor da pele, a roupa, o brinquedo, se era melhor que o outro até mesmo o lanche, alguns levavam, outro, não, por motivos, na maioria das vezes, são financeiros. Nesse sentido, recordamos vários fatores arraigados que contribuem ainda mais para a discriminação da criança que é pobre e negra.

É nesse sentido que questionamos, de que forma as relações étnico-raciais (do negro) são percebidas, e se manifestam nos discursos dos sujeitos professores e alunos na sala de aula do 5º ano do ensino fundamental e de que modo são trabalhadas nas práticas docentes? Partindo dessa problemática, buscamos investigar como os saberes da docência contribuem para a formação étnico-racial dos alunos, a partir de sua prática docente (pedagógica, didática e metodológica) dentro da sala de aula, levantando dados, por meio da observação assistemática e sistemática e aplicação de entrevistas semi-estruturadas aos professores, sujeitos da pesquisa e entrevistas individuais e em grupos focais a alunos, por amostra não-



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

probabilística, identificar as formas de diferenças e discriminações manifestadas pelos alunos e como são percebidas pelo professor.

Muita das situações observadas, durante o estudo assistemático, nos permite perceber que, em variados casos, o professor não soube como agir, mesmo porque nunca havia assumido uma sala de aula antes. É com essa preocupação, que observamos que há a necessidade de uma formação docente que prepare para novos desafios, sabendo questionar, discutir e buscar para o ambiente escolar, questões atuais que promovam aprendizagem a partir da realidade de cada aluno, para que haja uma informação e formação adequada, no processo ensino - aprendizagem.

Em virtude da experiência que tivemos, despertou-nos a curiosidade de saber dos professores do ensino fundamental, da mesma escola que estagiamos, agora como sujeitos da pesquisa, como são abordadas as suas ações/reações e analisar os discursos e representações em relação às diferenças étnico-raciais e de que modo esses sujeitos falam, pensam/percebem, dizem sobre as questões de preconceitos, estereótipos e discriminação étnico-racial na sala de aula e se realmente fazem parte de sua prática pedagógica/saberes pedagógicos; qual a visão que esse professores tem dessa questão, e se interfere na sua metodologia e de que forma enfrentam/combatem situações de discriminação racial na sala de aula e, se há uma intervenção por parte desse educador para enfrentar/combater preconceitos, estereótipos e discriminação racial nos espaços escolares, em especial, na sala de aula. Essas são discussões que pretendemos desenvolver durante a pesquisa em andamento, para que as inquietações sejam compreendidas, e, a partir da divulgação e socialização dos resultados do presente estudo, buscar meios do professor, sujeito da pesquisa, refletir sobre sua prática em relação ao tema em estudo e, nesse contexto problematizar, refletir e buscar



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

meios para a educação em valores na sala de aula e combate/enfrentamento da discriminação étnico-racial na sala de aula/escola.

De acordo com o tema a opção é pela pesquisa etnográfica, com cunho predominante investigador, interpretando e buscando compreender o processo envolvido a partir do necessário, havendo assim, a importância de me relacionar com as pessoas, situações e locais, mantendo, assim, um contato prolongado, por se tratar de observação descritiva, não participante, sem pretensão de mudar o ambiente e as manifestações ocorridas durante a observação, enfatizando não o ambiente, mas o produto pesquisado, professores e alunos.

Para tanto será utilizada a entrevista será semi-estruturada ao professor, mantendo o diálogo, abordando pontos e idéias, visando perceber coerências e incoerências entre discurso e prática em relação à socialização entre alunos levando em conta questões raciais, religiosas, de gênero e socioeconômica. Destacando, também, interpretação e interação do educador, suas experiências, aprendizados e conhecimentos envolvendo diferenças. A abordagem teórica e qualitativa foi a opção para estudar a temática em questão.

O processo de investigação será realizado em uma escola pública da rede municipal, em um bairro de periferia, na cidade de Itapetinga – Bahia. Sendo assim, aplicado em uma turma do 5º ano do ensino fundamental I. Por motivo de maior aproximação e contato, escolhemos uma instituição, situada em Itapetinga-BA, onde, também, tivemos contato direto com a sala de aula, no período de estágio.

### **Os saberes pedagógicos e o enfrentamento/combate à discriminação étnico-racial na sala de aula**

O professor licenciado passa, muitas vezes, por um curso de graduação com dificuldades econômico-financeiras, pela distância de seus familiares, lacunas da formação deixadas pelo ensino fundamental e ensino médio, portanto, tanto de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

recursos que lhe assegure maiores condições de conhecimento, como outros, e por isso, parece pouco reconhecido pela sociedade.

Desse modo, esse profissional é imobilizado, discriminado, em especial, pela sua condição econômico-financeira e posição que ocupa na sociedade como trabalhador assalariado e, se vê, na maioria dos casos, incapaz e desencorajados de compreender e articular todas as questões pertencentes à sala de aula. Todavia, é papel, também do educador transmitir ao aluno conhecimentos que lhe assegure aprendizagens e valores que contribuirá para sua vida futuramente em espaços onde também ocupará com desenvolvimento da função de professor.

Para que isso aconteça é necessário reconstruir o saber e o saber-fazer desse profissional na sua profissão de professor. No entanto, caberia não só ao educador atualizar-se, mas a própria instituição escolar, buscando compreender melhor as diferenças existentes dentro do ambiente escolar para saber lidar, por exemplo, com as situações provocadas direta ou indiretamente pela discriminação racial, levando os alunos a compreender da sua história, a história e cultura do povo brasileiro, as relações sociais, trabalhando com conceitos, concepções e definições que marcam/marcaram o processo de construção social ao longo da história da sociedade e povo brasileiro, como também das instituições escolares, pois a escola deve ser um espaço de convivência, onde os conflitos devem ser trabalhados e não camuflados.

Percebemos que para mudar a realidade, seja ela qual for, é necessário que haja interesse da escola e de todos os segmentos sociais, e estímulo e compromisso com a implementação dos princípios da gestão democrático-participativa, criada desde 1996, nas escolas públicas estaduais, pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, começando pelas práticas e ações desenvolvidas na sala de aula pelos professores e alunos.





ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Partindo desse ponto, talvez seja uma condição para que os segmentos sociais e escolares possam passar a entender as diferenças culturais no ambiente escolar. Pois, sabemos que aprendendo a lidar com as diferenças, por exemplo, nos conscientizaremos que a diversidade e pluralidade cultural fazem parte da riqueza da humanidade, e se trata da identidade nacional baseada no desenvolvimento político, econômico e social. E a escola precisa mostrar ao aluno que existem outras culturas além da sua, experimentar, dialogar, ousar buscar conhecer todas as culturas e concepções de mundo, se adequando a uma postura de escola autônoma e atual, que caminham com a realidade de seus educando.

Desse modo, pretendemos ao concluir o nosso estudo, buscar a complexidade da questão racial, mostrando os antigos e os novos eixos principais que surgem como modos de discriminação do outro, devido a antagonismos de etnia e raça e, por meio de reflexões, debates, socialização/divulgação dos resultados obtidos, poder dar contribuições à escola acerca dos conceitos, concepções e definições que estão sendo valorizadas pela presente pesquisa.

### REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Deise Maria S. de. MOREIRA, M<sup>a</sup>. de Fátima Salum. A intricada trama da diversidades através do olhar das crianças: diferenças de cor raça e classes vividas na escola (Dissertação de Mestrado ).In: ROSEMBERG, Fúlvia. **Raça e desigualdade educacional no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.
- ANDRÉ, Marli Eliza Damaso Afonso de. **Etnografia da pratica Escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.
- ANDRÉ, Marli Eliza Damaso Afonso de (Org.). **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. São Paulo: Papirus, 1999. – (Coleção Prática Pedagógica).



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

AQUINO, JulioGroppa. Diferenças e Preconceitos na escola: **Alternativas Teóricas e Práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. Brasil, **Ministério da Educação**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação**. Parecer CNE/PC nº 1, de 17 de junho de 2007. Referência obtida na internet. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> \_ Acesso em 13 de abril de 2011.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação**. Parecer CNE/CEB nº 3, de 10 de março de 2004. Referência obtida na internet. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf> \_ Acesso em 13 de abril de 2011.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação**. Parecer CNE/CEB nº 02 de 2007, aprovado em 31 de janeiro de 2007. Referência obtida na internet. [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb002\\_07.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb002_07.pdf). \_ Acesso em 13 de abril de 2011

CASTRO, Cristiane Leamari. **O Afro-brasileiro na confluência entre etnicidades e Direitos Humanos**: A construção da imagem social do negro. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: Centro Universitário Campos de Andrade - UNIANDRADE, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O racismo na História do Brasil**. Mito e realidade. São Paulo: Editora Ática, 1996. (História em Movimento)

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismo e anti-racismo no Brasil. Rio de Janeiro, 2001.

REIS, Eneida de Almeida dos. **Mulato**: negro-não-negro e/ou branco-não-branco. São Paulo: Editora Altana, 2002. (Coleção Identidades).